

---

## TÓPICOS CRÍTICOS E DESAFIOS DA HOMOCULTURA NOS ESTUDOS LITERÁRIOS<sup>1</sup>

---

Paulo César Souza García<sup>2</sup>

**RESUMO:** Este texto esboça algumas questões conceituais e pontuais que, também, tiveram importância para o projeto de criação do Grupo de Trabalho *Homocultura e Linguagens* da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística (ANPOLL). A partir da trajetória dos estudos a respeito do homoerotismo na literatura e de fontes da crítica literária, que desafios foram gerados, quais os rumos de leituras e de pesquisas estão sendo desenvolvidos em torno das identidades sexuais e de gênero? O interesse é de compartilhar dos discursos para não somente visualizar uma subjetividade homoerótica, mas para discutir as novas posições relativas ao exercício do poder da sexualidade nos corpora literários. As leituras realizadas dizem respeito a um devir gay contrapondo-se a um modo único de pensar as materialidades de corpos, condutas e conceitos referentes ao universo masculino. Portanto, no contexto desta reflexão, trato de analisar a manifestação de discursos que se propagam e relativizam as velhas ordens inseridas nos textos do literário e nas imagens cultivadas pela mídia que, restauradas para além das dicotomias e polaridades, instituem práticas que solicitam rever os controles, as resistências e as margens.

**PALAVRAS-CHAVE:** estudos literários, crítica cultural, homocultura.

**ABSTRACT:** This paper outlines some conceptual issues and points which also have relevance to the project of creation of the Working Group *homoculture Languages and the National Association of Graduate Studies and Research in Languages and Linguistics (ANPOLL)*. From the trajectory of the studies about the homoeroticism in literature and sources of literary criticism, which challenges were generated, which the course readings and research are being developed around sexual and gender identities? The interest is to share not only of the speeches to view a homoerotic subjectivity, but to discuss the new positions for the exercise of the power of sexuality in literary corpora. The readings taken concern a becoming gay to countering a unique way of thinking about materiality of bodies, behaviors and concepts related to the male universe. Therefore, in the context of this reflection, I try to analyze the expression of speeches that spread and relativize the old orders entered in the literary texts and images cultivated by the media that restored beyond dichotomies and polarities, establishing practices seeking to review the controls, resistances and margins.

**KEYWORDS:** literary studies, cultural criticism, homoculture.

---

<sup>1</sup> Parte deste texto foi apresentado no Seminário Fazendo Gênero 10, na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Para a edição deste periódico, ele fora revisitado, de modo a rever alguns conceitos, motivando abordar considerações críticas pertinentes ao tema proposto.

<sup>2</sup> Professor do Curso de Graduação em Letras e do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural da Universidade do Estado da Bahia, DEDC II (UNEB). Doutor em Literatura (UFSC) e-mail: [p.garcia@terra.com.br](mailto:p.garcia@terra.com.br)

## 1. INTRODUÇÃO

O texto do capítulo: *Literatura e homoerotismo masculino: perspectivas teórico-metodológicas e práticas críticas*, de autoria de José Carlos Barcellos (2006) expressa bem as proposições sobre o homoerotismo, a partir de critérios que relatam a história cultural brasileira e ocidental, cujo suporte visível para as perspectivas de análises encabeça uma sólida fundamentação teórica, pondo em relevo aspectos da crítica literária.

Neste livro, José Carlos Barcellos apresenta o contexto de produção dos estudos da homocultura, dando importância muito grande para a questão da especificidade da própria condição gay vivenciada e construída no Brasil e que poderia ser acolhida pela ótica dos estudos literários. Portanto, o fundamento envolvendo um corpus crítico e analítico poderia ser resumida provisoriamente em três tópicos, de acordo com a sua análise. Primeiro, “a necessidade absoluta de um combate sem tréguas à homofobia, onde quer que esta se manifeste”. Em seguida, “a importância de se manter um olhar crítico para a relação entre a liberalização dos costumes e a lógica do capital”. E, por último, “o imperativo da vigilância acerca das implicações práticas das posturas teóricas assumidas (BARCELOS, 2006, p. 10-11). Barcellos considera, nestes eixos estreitos, as mediações de ordem cultural e, por hora, se destacam nas pesquisas produzidas. Nos três tópicos elencados, o aparato descritivo, desconstrutor, de face do pós-estruturalista, coloca como pauta maior a vigilância lúcida e consciente do lugar de onde e como o outro fala, sendo que, nesses lugares, configuram as tensões que envolvem o viés das margens *versus* o pensamento autoritário, os imperativos do controle dos corpos, a regularização da legalidade e legitimidade dos direitos e as posições dos sujeitos que confirmam, por esses tópicos enunciativos, as inexpressivas identidades de gênero e de sexualidades construídas no solo social.

Sendo assim, afirma Barcellos que o conceito de homoerotismo é muito útil por vários motivos. Dentre eles, em termos de história e crítica da cultura, o conceito tem a vantagem de não impor nenhum modelo pré-determinado, permitindo, assim, que se respeitem as configurações que as relações entre homens assumem em cada contexto cultural, social ou pessoal específico (BARCELOS, 2006). No diálogo com a literatura, não podemos perder de vista os

lugares de leituras marcados, os contextos históricos e são deles que ancoram os debates, que são visados e direcionados para o formato do controle social e cultural, que são acionados a partir do pensamento logocêntrico e patriarcal. Todavia, descrever o campo da homocultura, que vem sendo perscrutado por grande número de pesquisadores brasileiros, significa operacionalizar a compreensão de um discurso que atravessa continuamente a Literatura e a Cultura, como argumenta Mário César Lugarinho (2004).

As questões que envolvem a voltagem da crítica literária com a homocultura é medida por estudiosos comprometidos com o dado “equilíbrio cultural” no que tange às posturas em favor da diversidade de leituras, que são fatores importantes e impactantes no processo de interpretação. Estamos amadurecendo mais com os suportes metodológicos e com os gestos de ruptura destinados para as irrisórias compreensões a respeito das identidades sexuais e creio que não cansaremos de revisar as noções de ordem fundamentalista e mesmo do cânone da Literatura e nem se furtar ao “bode expiatório” que se faz presente diante das reações avessas ao tema do homoerotismo.

A finalidade de “explicar”, lidar e pensar de modo cerrado o sentido do texto é uma preocupação dos tradicionalistas e historicistas, tendo, em mente, o espaço literário comprometido com os sobressaltos da atualidade nos atuais tempos de pós-crítica. Assim, constitui-se grande desafio rever os instigantes entraves do cânon e o poder que a literatura exerce em outros estágios e códigos com a cultura. Ítalo Calvino aborda, em uma das seis propostas para o milênio, “que há coisas que só a literatura com seus meios específicos pode nos dar” (CALVINO, 1994, p. 11).

O exemplo está no fato de que a supremacia da literatura não está em questão e sim, vista nos tempos atuais, as linguagens, as imagens que as atravessam tateiam outros códigos, de modo que, para o interesse que busco refletir, os valores do texto literário não somente dizem respeito a sua criação e transmissão do saber, mas da sua ação, no ato de editar conhecimento num movimento autônomo e de livre acesso à legitimidade das histórias e culturas por ela enunciada, respeitando, também, a qualidade da forma que lhe dá sentido. Acerca disso, Mário César Lugarinho e José Carlos Barcellos (2006) instigaram o

ideal de investigação contínua e sistemática do literário, direcionando para a construção de um viés estético que abrisse espaço para as marcas políticas que a literatura solicita.

Nesse sentido, Lugarinho e Barcellos deram o norte para que demais seguidores dos estudos sobre a homocultura na área de Literatura viessem a progredir, de modo a dar fruto a Associação Brasileira de Estudos da Homocultura (ABEH), idealizada no final dos anos 90 com os encontros de Niterói<sup>3[1]</sup>, cujo objetivo foi promover e difundir pensamentos críticos sobre a diversidade sexual e de gênero. A partir daquele primeiro encontro entre os pesquisadores da área de Letras, na Universidade Federal Fluminense (UFF), os incentivos aos estudos e às pesquisas da temática tiveram ascensão em diferentes áreas de conhecimento, dando visibilidade às outras expressões e discursos sobre as sexualidades e gêneros de modo avesso aos conceitos heterodoxos e homogêneos que, também, se instalaram no Brasil. Dado o movimento científico e epistemológico de responsabilidade desses Professores-Pesquisadores, que dão o pontapé inicial para uma rede que se forma e dão sequência às intersecções de novas linguagens, fica claro, portanto, que a crítica literária se mantém ativa ao lado e à luz das contingências do cânone. Contudo, resistindo às investidas contra-canônicas, afirma Lugarinho:

O que denominamos como emergência de uma “consciência histórica dotada de uma identificação imediata a sua diferença sexual” pode ser, hoje, alargada na medida em que a investigação teórica a respeito das relações entre a cultura e a identidade homossexual precisou desenhar um conceito eficaz que lhe desse mais contornos definidos: o conceito de “homocultura” (LUGARINHO, 2004, p. 27).

O certo é que houve e há uma produção de textos que falam da homocultura com a perspectiva de arcar os questionamentos diretamente relacionados à orientação sexual gay, mesmo existindo uma dificuldade de

---

<sup>3[1]</sup>O surgimento no meio acadêmico brasileiro de numerosos estudos sobre literatura e homoerotismo foi constatado nos dois primeiros Encontros na Universidade Federal Fluminense, no ano de 1999 e 2000, “promovendo a necessidade de se fomentar o debate acerca das perspectivas teórico-metológicas implicadas nas múltiplas práticas críticas que vêm se desenvolvendo entre nós” (BARCELLOS, 2006, p. 7).

propagação e recepção do tema. Dizendo de outro modo, parece que a crítica literária ligada às questões da literatura, sob os argumentos da homocultura, ainda está sob fogo cruzado, uma vez que os assuntos, tais como direitos homoafetivos, identidades homoeróticas, gays afrodescendentes, adoção de crianças por casais homoparentais, transexualidade, lesbianidade e transgênero são tributos de discussão na cultura de gênero e identidades, mas ainda com poucas vozes nas ondas desses discursos produzidas pela crítica literária.

Seguindo o percurso histórico colocado pela visibilidade das posturas críticas e teóricas enaltecidas por Barcellos e Lugarinho, atualmente, o problema fundamental a ser encarado é como tornar viável a produção literária, atribuindo o crivo crítico a respeito do homoerotismo, como articular o discurso sob o grau da tolerância, trazendo, em destaque, a representação das identidades de gênero e de homossexualidades sob a consciência e fomentos políticos, sem reduzir o valor literário, o seu impacto e fruição estética? Se a “literatura permite respirar”, como pensa Barthes (2003, p.172), é porque ela necessita de mais fôlegos para ouvir a língua fora do poder, com testemunhos que reabilitem a sua exceção, enquanto provedora de escritas nada convencionais. Também, de acordo com Compagnon (2009), “a literatura nos ensina a melhor sentir, e como nossos sentidos não têm limites, ela jamais conclui, mas fica aberta como um ensaio de Montaigne, depois de nos ter feito ver, respirar ou tocar as incertezas e as indecisões, as complicações e os paradoxos que se escondem atrás das ações – meandros nos quais os discursos eruditos se perdem [...]” (COMPAGNON, 2009, p. 47-51).

Portanto, a literatura não deve ser refutada aos olhos da discriminação e, ao partilhar da noção de Compagnon, significa exaltar o princípio de como as leituras são construídas e tornam uma possibilidade de exercitá-las com a experimentação de possíveis interpretações. Por esse sentido, uma legião de pesquisadores se empenhou com o projeto de criação do grupo de trabalho “Homocultura e Linguagens” para a Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística (ANPOLL), com o objetivo primordial de traçar um mapeamento da produção literária de língua portuguesa, brasileira e ocidental, tomando a História das Literaturas, suas implicações epistemológicas, seus constructos de relações de gênero, diversidades sexuais e teoria queer.

## 2. TRAJETÓRIAS, CONTEXTOS E RUMOS

O reconhecimento acadêmico e científico, em se tratando da composição de temas e questões contextuais relacionadas às leituras em obras literárias e as interlocuções com áreas afins, é sentido com as pesquisas direcionadas para a criação do GT da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística (ANPOLL), que teve como fundamento inserir ações mais nítidas e visíveis no que toca os estudos sobre o homoerotismo, com o objetivo de atender não somente aos discursos intrínsecos do literário, como também provê-los por intermédio de um movimento crítico em diferentes embates no espaço social e cultural.

Assim, a formação do grupo de trabalho da ANPOLL teve a grata satisfação de perceber que vinham sendo desenvolvidas algumas dessas ações de forma mais crítica a respeito dos estudos de gênero, gays e lésbicos, sendo baseadas nas pesquisas colhidas, apresentando boa fundamentação teórica e, sem dúvida, um processo de análises que nos levam a uma intensa e constante elaboração dos recortes textuais analíticos e com os quais emergem novos problemas, velhos objetos e novas abordagens de análises.

Portanto, os projetos do GT *Homocultura e linguagens* direcionam para o veio estético de textos literários e da cultura, se ocupando, por um lado, da catalogação, resgate, análises críticas de obras, fundando suas bases na perspectiva de interpretar as identidades de gênero e homossexualidades, com diretrizes teóricas e discursivas, com contextos nucleares fundamentados para como e o porquê determinada obra ser inserida no cânone e das legitimações de obras à margem do cânone. Por uma ótica de inserção das linhas de pesquisa, também, os estudos *queer* adentram no grupo de trabalho com o poder político que detém, tendo se mostrado forte na conjuntura de questionamentos da cultura e da sociedade.

Também, na mesma linha de pensamento do GT, explica-se a legitimidade da Teoria Queer, pois o que ela faz: “[...] é apontar os limites das políticas identitárias. Ora, há uma imensa diferença entre apontar limites, criticar

determinados aspectos de certas ideias e estratégias, e ser inimig@ dessas pessoas, dos movimentos e das suas estratégias. Essa diferença precisa ser compreendida para não entrarmos em uma disputa que só nos enfraquecerá”, como explicita Leandro Colling (2011, p. 9). Por sua vez, considerar os estudos *queer* na cultura brasileira<sup>4[2]</sup> é perceber como os outros e novos ex-cêntricos são peça fundamental na história e na memória coletiva de nossa sociedade, avaliando a relevância da presença dos que são inomináveis, a exemplo dos transexuais, travestis, transgêneros, e todos e tod@s possibilitados(as) ao reconhecimento e ao poder de voz, mas, principalmente, sendo visados(as) em suas diferenças.

Retorno para a reflexão de Lugarinho (2001) que enaltece o lugar do *queer* na cultura brasileira, reportando-se à diferença sexual. Sendo direcionado para os estudos *queer* anglo-saxônicos, de suporte analítico e teórico, Lugarinho procura entender a diferença do termo para a língua portuguesa, tendo em mente as necessárias e inúmeras considerações de ordem histórica e cultural. Melhor dizer, dentro das dificuldades para a tradução para nossa língua, é bom se certificar da noção de Derrida: desconstruir, reinterpretar, reelaborar. Mais propício, portanto, quando a diferença é pensada como o lugar marginal da língua de origem e de sua cultura no (dês)concerto internacional. A leitura compromete-se a apreender a cultura brasileira pela nossa marca, isto é, os relacionamentos exóticos e ímpares com o outro. “Somos mediados pela antropofagia: isto é, devoramos a cultura do outro, diluindo a nossa identidade cultural num intenso multiculturalismo” (LUGARINHO, 2001, p. 37).

Vendo por essa atmosfera, explica Fábio Camargo que

[...] a teoria *queer* traz um novo fôlego para os estudos da literatura ligada à homocultura. Ainda assim, cabe salientar que é preciso apropriar da teoria e adaptá-la à produção literária homoerótica que deveria passar a se chamar literatura *queer*. Como isso será feito não nos cabe resolver agora, mas pensar sobre o fato é importante. Há que se lembrar também que isso não é uma resolução simples e que a questão da heteronormatividade *versus* homoafetividade

---

<sup>4[2]</sup>Mário César Lugarinho, em “Como traduzir o *queer* para a cultura brasileira”, afirma que traduzir o *queer* da sociedade central para a sociedade da periferia é traír a própria antropofagia que nos confere identidade (LUGARINHO, 2001, p. 39).

ainda não está solucionada. A convivência das diferenças é muito mais difícil do que se parece à primeira vista (CAMARGO, 2012, s/p.).

Acrescento ainda, nesta leitura de Camargo, que existe o fato de vivenciarmos um momento pós-traumático coletivo, como a convivência da HIV, as fragilizações dos relacionamentos gays dos anos 80 e 90 do século XX, o medo e o pavor do contágio da AIDS, a discriminação da sociedade, taxando os homossexuais afetados e vitimados pelo pré-conceito e pelas nomeações vinculadas a doença como a “peste gay”. Nesse sentido, o processo de reelaboração de formas de expressão foi necessário para banir de vez os rótulos e concepções de linguagem que davam o tom da representação do homossexual no espaço social. Ideologicamente marcada, no passado não tão distante, a ação política e voluntária dos estados-unidenses, por intermédio do manifesto de liberação dos gays ocorrido no bar [Stonewall Inn](#), deram o norte para uma política de resistência que, até o momento, tem mobilizado ativistas e intelectuais movidos ao âmago do problema, tendo sempre, em vista, o reconhecimento dos direitos e libertação da amarras das instituições religiosas, políticas, culturais, que ainda são pautadas pelo rigor disciplinante e dominador do sistema logocêntrico e pelas regras normalizadoras de sociabilidade.

No Brasil, as contribuições de ativistas como Luis Mott, do *Grupo Gay da Bahia*; João Silvério Trevisan, do *GrupoSomos*; Aguinaldo Silva, do *Jornal Lâmpião da Esquina*; Peter Fry e Edward MacRAE tiveram posições significativas em defesa dos direitos à identidade de gênero e à identidade homossexual. Todavia, no presente atual, ainda somos vistos e abordados por discursos intolerantes, ascendidos nos tons fundamentalistas de fórum religioso e também nos que se pautam pelo viés da patologização, nomeando os indivíduos de prática homossexual ancorados pelos anais da ciência. Nos dispositivos jurídicos, mesmo sendo aprovada a união homoafetiva pela instância do Supremo Tribunal Federal, o legislativo se apropria de escolhas indesejáveis e mal-vistas, a exemplo da representada Comissão dos Direitos Humanos do Congresso Nacional, que vem mostrando as posturas racistas e homofóbicas do Presidente desta comissão. Com as diversas manifestações contra e a favor da união homoafetiva, repercute a presente declaração da cantora Daniela Mercury, ao soprar aos quatro cantos do



país: “Se estou apaixonada por uma mulher, por que não viver isso?” (MERCURY In: Jornal Correio da Bahia, 2013). A atitude da cantora rendeu entrevistas em jornais locais e nacionais, em redes sociais e em outros programas televisivos e midiáticos. Mas, vale o peso dos que saíram do armário, que, também, mostraram a cara<sup>5</sup>[3].

A declaração da cantora Daniela Mercury pode ser vista não somente como um discurso politizado, mas visa a uma estilização de vida, como retratava Foucault<sup>6</sup>[4], como meio de exercitar o amor que ousou enunciar, com “a intenção de recriar um determinado modo de viver, um tipo de existência ou estilo de vida”(FOUCAULT, 2005, p. 22). Quer dizer, o interesse em expor a intimidade amorosa homoerótica parte do princípio de que o ato de enunciar um estilo de amar corresponde a falar de si. Com a afirmativa de Barthes de que o relato está ali, como a vida (BARTHES, 1977), assim, a exposição da intimidade se move pelos trânsitos, pelos espaços, agora, reterritorializados, cujas identidades são desfocadas de um lugar de submissão, afastando-as das normatizações, das exortações de legitimidade heterossexistas, com o intuito de criticar os modos de percepção de uma realidade, não podendo perder de vista aí a mútua implicação entre linguagem e vida, narração e estilização de existência, com foco na experiência<sup>7</sup>[5].

A enunciação de si traz embutida o caráter temporal da experiência, interligada às normatizações incorporadas pelos gestos de fala, que passam a ser desfeitas, à medida que os códigos culturais são revistos e fluem no território em que gira o sentido do múltiplo, do diverso. A saída do armário, exemplificado através do relato da cantora Daniela, ilustra e ratifica a história de si em que

<sup>5</sup>[3]Madame Satã, Cazuza, Ney Matogrosso, Jean Wyllys são exemplos que situo aqui, além dos autores da literatura. João do Rio, Caio Fernando Abreu, João Silvério Trevisan, João Gilberto Noll, Bernardo Carvalho, Silviano Santiago, dentre outros.

<sup>6</sup>[4]Em “Da amizade como forma de vida”, Foucault, publicada em 1981, na Gai Pied, afirma: “Penso que seja isso o que torna ‘perturbadora’ a homossexualidade: o modo de vida homossexual muito mais do que o ato sexual mesmo. Imaginar um ato sexual que não seja conforme a lei ou a natureza, não é isso o que inquieta as pessoas. Mas que indivíduos comecem a se amar, eis aí o problema.

<sup>7</sup>[5]Segundo Joan Scott, a experiência já traduz uma interpretação pelo lugar de onde e como enuncia a si. Seguindo a ótica, a noção de experiência surge como testemunho subjetivo e, diante das relações identitárias, o discurso de (in)visibilidade apresentado por Joan Scott mostra a dificuldade de relatar a história da diferença, ou seja, a história da designação do “outro”. Após historicizar o conceito de experiência, enuncia como esse conceito é centrado na capacidade que temos de reproduzi-la e transmiti-la, visto que ela faz parte da linguagem cotidiana e está tão imbricada nas nossas narrativas, que seria vão querer eliminá-la.

destaca mais uma vez a ordem do pai, a ordem do falo, a ordem do discurso, tornando-se estreita, se comparadas com as circunstâncias dos desejos aflorados. As vidas e os corpos definidos como dejetos, abjetos, como excrementos, como vermes se distanciam da velha submissão e estigmatização, pois, como afirma Severo Sarduy: “escrever é apoderar-se do possível e de suas exclusões” (SARDUY, 1979, p. 108).

Situar novas relações que desvirtuem daquelas que se institucionalizam é criar possibilidades de agenciar os desejos e fazer ressurgir o eu que não se mostra. Sendo assim o espaço literário configura o real pelas suplementações, revendo traços identitários para interpretar os despojamentos de subjetividades, quero dizer, quando o espaço literário sincroniza textualmente com os tempos modernos, as mediações são codificadas, desconstruindo falsas verdades. Diante dos contextos enviesados, o amor que não ousava dizer o nome se exhibe, expõe-se, seja por porta-vozes de artistas brasileiros e estrangeiros, seja por personas distantes dos holofotes midiáticos e por vozes da literatura.

O reflexo da saída do armário<sup>8[6]</sup> no espaço social é prenhe de preconceitos, configura o local de aprisionamento e é também o espaço por onde se trancafia os segredos dos ditos heterossexuais, que rondam e espreitam o estilo gay, gerando um assombro e ameaça à masculinidade hegemônica e heteronormativa. O ato de se manifestar, falar a respeito da orientação sexual ratifica o testemunho da contestação, remete à negação do senso comum e recompõe novos artefatos verbais.

### 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na perspectiva de difundir a literatura sob os aspectos reflexivos referentes aos estudos da homocultura, Emerson da Cruz Inácio propõe uma atitude crítica, de produção e circulação da postura intelectual do autor literário em razão do patrimônio cultural defendido pelo teor ideológico menos centralista

---

<sup>8[6]</sup>Para Sedgwick, “o armário é a estrutura definidora da opressão gay no século XX [...] nenhuma pessoa pode assumir o controle sobre todos os códigos múltiplos e muitas vezes contraditórios pelos quais a informação sobre a identidade e atividade sexuais pode parecer ser transmitida” (2007, p. 26-38).

e sistemático de ares hegemônicos, abandonando critérios rígidos de uma elite letrada em função de atos repressores, que foram atravessados pela cultura brasileira. Esta posição de Inácio estampa aí o exercício de como exercitar, pela articulação estética, saberes, outras novas ordens de enunciação, com vista a convocar uma nova epistemologia capaz de criar condições de entendimento de obras literárias, cuja autoria, recepção, conteúdo ou espaço de circulação priorize o universo da homossexualidade (INÁCIO, 2010, p. 123).

Assim entendido, como explicar a produção crítica que quer discutir a questão das identidades homoeróticas, *queers*, gays, lésbicas, sabendo que a noção de gênero nada mais é do que uma ilusão de naturalidade, que é “uma identidade tênue constituída em e através da estilizada repetição de ações”, na visão de Butler (2003, p. 85)? Em detrimento da afirmativa de Butler, e mediando o diálogo com a literatura, compreende Camargo que “essa literatura defende uma saída para as questões afetivas dos sujeitos excêntricos, trabalha com o artifício, com o onírico, com o impuro, não perdendo de vista seu ponto central: a literatura e outros temas maiores, como as questões humanas que envolveriam a todos” (CAMARGO, 2012).

Contudo, examinamos outra parte, a do texto que se abre para declarações e mesmo omissões, que são avaliadas como artimanhas ou façanhas, com posturas mais revolucionárias. Em *O homossexual astucioso*<sup>9[7]</sup>, publicado em *O cosmopolitismo do pobre*, Silvano Santiago sentencia quando somos despertados por indivíduos que abrem as portas do armário? A defesa pela astúcia e artimanha em desvelar a homossexualidade abre para uma reflexão paradoxal. O crítico da literatura apresenta a favor de um modo de driblar a armadilha que se impõe aos movimentos de defesa da representatividade das minorias.

Para Santiago, portanto, não há necessidade mais de se insistir na visibilidade a todo custo, mas em uma negociação com muita astúcia por parte dos sujeitos ligados pelos desejos eróticos que fogem à heteronormatividade. Cabe lembrar que a visibilidade gay é uma ponta de lança para a militância que ainda

---

<sup>9[7]</sup>Para Denílson Lopes, “O homossexual astucioso”, ensaio novamente em continuidade com a sua ficção de “Stella Manhattan” e “Keith Jarrett no Blue Note”, na busca de uma alternativa tanto a perspectiva norte-americana, mas que não silencia nem reduz os novos sujeitos sociais e políticos. O entre-lugar é o espaço político e existencial, local e transnacional, de afetos e memórias (LOPES, 2008, p. 947).

não viu consolidada uma série de direitos pelos quais se lutam. Dessa forma, para se ter visibilidade, a literatura corre o risco de ficar apenas no panfletarismo da busca pelos direitos gays e não se exercita em criar peças estéticas de maior fôlego. Desse modo, Santiago se recusa à vitimização levada a cabo pelos movimentos militantes estadunidenses, defendendo a busca de formas mais sutis de militância. Seria esta a saída?

Quais as perspectivas de análises devem ser construídas, quais as posições e as oposições de leituras devem ser levadas em consideração, quando os textos literários mostram as identidades sexuais? Para analisar um cânone literário, existem aspectos que importam no seio interpretativo e que não se deve admitir a ideia de que apenas uma visão misógina ou homofóbica retrairia a exposição de uma obra literária de temática gay. As questões como qualidade estética da obra, a recepção de texto pelos leitores comuns ou mais especializados na crítica literária, a absorção da obra pelo mercado e da própria temática interferem na produção de escritas e de criação de linguagens que afinem o mercado editorial, avalia Antônio de Pádua Dias da Silva (SILVA, 2008, p. 29). Seria o caso de direcionar a crítica construída aos sujeitos do desejo se projetar para além das identidades homoeróticas? Implica repensar e como rever as masculinidades para além da homosociabilidadehomofóbica, como deduz Denílson Lopes? (LOPES, 2001, p. 46).

Acolhida a noção de política na escrita literária, as histórias gays, aludidas nas confluências das cartografias dos desejos, ganham fórum de interpretação com a leitura de *Rato e Cinema Orly*, de Luis Capucho. Apesar da análise destas obras, Mário César Lugarinho compreende que a “Literatura Gay deve ser mais um seguimento, mais uma possibilidade, mais um elemento de problematização àqueles que desejam uma cânone inevitável e cristalizado em suas opções de classe, etnia, origem local, sexo e/ou gênero” (LUGARINHO, 2008: p. 23).

Seguindo mais uma vez com o raciocínio de Barcellos, no início deste texto, o ponto de vista do autor se torna cada vez mais atual, ao afirmar que, a partir dos estudos sobre literatura e homoerotismo, diversas abordagens críticas da cultura tornam-se extremamente produtivas para a compreensão tanto da literatura e da cultura *gay*, quanto das dinâmicas históricas, sociais e culturais mais

amplas, em que elas se inserem (BARCELLOS, 2006). Portanto, as distinções “[...] entre homoerotismo, homossexualidade, homossociabilidade, *gay*, *queere camp* parecem-nos ser fundamentais para a construção de perspectivas críticas sérias e conseqüentes no domínio da literatura” (BARCELLOS, 2006, p. 38).

As rotulações devem ser desconstruídas em razão de uma memória social e individual, como dito anteriormente e os conceitos podem ser reelaborados, reformulados na crista do desarranjo disciplinarizante de corpos. Os instrumentos de análises textuais podem reverter as denominações e correspondências aos referentes fixos e estáveis, pois qualquer forma ingênua de compreensão da relação entre literatura e homoerotismo, na perspectiva temática, não deve ser vista, apenas, para verificar como a literatura *representa* uma realidade pré-existente fixa e bem delimitada (BARCELOS, 2006). E, para concluir, transcrevo a voz do narrador de *Rútilos*, de Hilda Hilst (2003) que, ao parodiar Terêncio, dramaturgo de Cartago, no período da Antiguidade, enuncia: “tudo o que é humano me foi estranho”.

#### REFERÊNCIAS

- BARCELLOS, José Carlos. **Literatura e Homoerotismo em Questão**. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2006.
- BARTHES, Roland. Literatura e Significação. In: **Crítica e Verdade**. Tradução de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Perspectiva, 2003.
- BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão da Identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- CAMARGO, Fábio Figueiredo. **Histórico dos Estudos sobre Literatura, Homoerotismo e Teoria Queer**. Ciclo de Palestra Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade. Campina Grande/PB: Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), 2012.
- CALVINO, Ítalo. **Seis Propostas Para o Próximo Milênio**. Tradução de Ivo Barroso. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- COLLING, Leandro. Políticas Para um Brasil além de Stonewall. In: Colling, Leandro (Org) **Stonewall 40 + O que no Brasil?** Salvador: EDUFBA, 2011.
- COMPAGNON, Antoine. **Literatura para quê?** Tradução Laura Taddei Brandini. Belo Horizonte: 2009.

CORREIO DA BAHIA. Daniela Mercury se declara para a mulher e diz: “minha esposa, minha família”. In: **Jornal Correio da Bahia**, Salvador/BA, Abril-2013. Disponível em <http://www.correiodabahia/noticias/detalhes-1/artigo/daniela-mercury-se-declara-para-a-mulher-e-diz-minha-esposa-minha-familia/> Acesso em 3 de abril de 2013.

FOUCAULT, Michel. **Sexo. Poder e Indivíduo. Entrevistas Selecionadas**. Tradução de Davi de Souza e Jason de Lima e Silva. Desterro/Ilha de Santa Catarina: Edições Nefelibata, 2004.

FOUCAULT, Michel. **Um Diálogo Sobre os Prazeres do Sexo. Nietzsche, Freud e Marx TheatrumPhilosoficum**. Tradução: Jorge Lima Barreto. Maria Cristina Guimarães Cupertino. São Paulo: Ed Landy, 2005.

HILST, Hilda. **Rútilos**. Organização e plano de edição: Alcir Pécora. São Paulo: Globo, 2003.

INÁCIO, Emerson da Cruz. Para uma Estética Pederasta. In: COSTA, Horácio et al. (Org.). **Retratos do Brasil Homossexual: Fronteiras, Subjetividades e Desejos**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Imprensa Oficial, 2010.

LOPES, Denílson. O Entre-Lugar das Homoafetividades. In: **Ipotesi, Revista de Estudos Literários**. Juiz de Fora, UFJF, v. 5, n. 1. p. 37-48, 2001.

LOPES, Denílson. Silviano Santiago, Estudos Culturais e Estudos LGBTs No Brasil. In: **Revista Iberoamericana**, Vol LXXIV, n. 225, outubro-Diciembre, p. 943-957, 2008.

LUGARINHO, Mário César. Como traduzir a Teoria Queer para a língua portuguesa. In: **GÊNERO: Núcleo Transdisciplinar de Estudos de Gênero – NUTEG**, v. 1, n. 2; sem. 2. ano: 2000, Niterói/RJ: EDUFF, 2001.

LUGARINHO, Mário César. **A Escrita Literária e As Formas da Construção da Identidade Homossexual em Portugal**. Niterói/RJ: Universidade Federal Fluminense (UFF) / Conselho Nacional de Desenvolvimento (CNPQ), 2004.

LUGARINHO, Mário César. Nasce a Literatura Gay no Brasil: Reflexões para Luis Capucho. In: SILVA, Antônio de Pádua Dias da. (Org.). **Aspectos da Literatura Gay**. João Pessoa: Ed da UFPB, 2008.

SANTIAGO, Silviano. O Homossexual Astucioso. In: **O Cosmopolitismo do Pobre**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2009.

SARDUY, Severo. **Escrito sobre um corpo**. São Paulo: Perspectiva, 1979.

SEDGWICK, EveKosofsky. A Epistemologia do Armário. In: **Revista Pagu – Revista Semestral do Núcleo de Estudos de Gênero-Pagu**. n 28, jan-jul, 2007, Campinas/SP: Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), p.19-54.

SILVA, Antônio de Pádua Dias da. Especulações sobre uma história da literatura brasileira de temática gay. SILVA, Antônio de Pádua Dias da. (Org.). **Aspectos da literatura gay**. João Pessoa: Ed da UFPB, 2008.

SCOTT, Joan. Experiência. In: **Falas de Gênero: Teorias, Análises, Leituras**. Silva, Alcione Leite, LAGO, Mara Coelho de Souza, RAMOS, Tânia Regina Oliveira. Florianópolis/SC: Editora Mulheres, 1999.

TREVISAN, João Silvério. **Devassos no Paraíso. A Homossexualidade no Brasil, da Colônia à Atualidade**. Rio de Janeiro: Record, 2004.

**Recebido em agosto de 2013.**

**Aprovado em setembro de 2013.**

